

**Jeferson Tavares**

Arquiteto e Urbanista, mestre pelo programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, EESC-USP, Rua Domingos de Moraes, 1716, apto. 131, Vila Mariana, São Paulo, SP, CEP 04010-200, (11) 5084-1053, jctav@uol.com.br

**Resumo**

Nas comemorações dos 100 anos de Oscar Niemeyer e dos 50 anos do projeto de Lúcio Costa para Brasília voltamos à análise da Nova Capital para compreender os diferentes ideais refletidos sobre a cidade. A concepção de Brasília e a sua construção põem em confronto visões diferentes de urbanismo. Esse contraste evidencia-se, sobretudo, nos posicionamentos de Costa e Niemeyer. O primeiro, atento aos cuidados técnicos e plásticos, concebe um plano urbano para uma cidade administrativa. O segundo, na coordenação da construção da cidade, transforma o plano urbano segundo proposições arquitetônicas e incorpora algumas soluções a partir do pragmatismo inerente ao canteiro de obras. Como um ponto de convergência, Brasília concretiza a relação simbiótica da dupla através de conflitos e diálogos.

*Palavras-chave:* Brasília, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer.

*Se Brasília fosse um filme, Lúcio Costa seria seu diretor e Oscar Niemeyer o ator principal.  
Maria Elisa Costa*

Assim, com tamanha simplicidade didática, Maria Elisa Costa esclarece, em entrevista, o equívoco em que, ao comentarem sobre a Nova Capital, atribuem a autoria do projeto urbanístico a Oscar Niemeyer.

Corriqueiro, o fato, entretanto tangencia algo que não se encerra na mera confusão. Essa imagem construída pela filha de Lúcio Costa não somente explica uma desatenção com a história, como também evidencia algo constante na trajetória de ambos: a simbiose em alguns projetos que dividem a dupla autoria. No caso de Brasília, há que se mensurar esse resultado.

O projeto do edifício sede do *Ministério da Educação e Saúde Pública*, 1937, bem como o projeto

do *Pavilhão do Brasil*, na *New York World's Fair*, 1939, são duas evidências. Mas Brasília, 1957-1960, guarda um retrato fiel desse relacionamento orgânico, porém – em alguns momentos – contraditório.

Brasília, segundo uma revisão crítica do próprio Oscar Niemeyer, marca uma cisão no seu processo projetual. Referindo-se a uma transformação na sua arquitetura a partir da construção da Nova Capital, Niemeyer reconhece, nas obras anteriores, um excesso de originalidade e uma falta de tempo prejudiciais à qualidade de seus trabalhos. Atesta, em depoimento, que essa cisão apresenta-se como uma nova busca pela simplicidade das formas.

Porém, outra conotação pode ser vislumbrada nesse processo. Se de fato Niemeyer mudou concepções de sua arquitetura, também incorporou a ela alguns conceitos urbanísticos, ou vice-versa. Brasília insere o arquiteto na alçada do planejamento urbano e da prática urbanística. Ao debruçar-se sobre a concepção original de Costa, Niemeyer transforma-a para sua adequação ao pragmatismo construtor, às condições políticas, locais e arquitetônicas. O resultado, uma cidade híbrida que carrega a concepção original de Costa, mas também algumas cicatrizes de sua implantação.

Contradições e coerências ajudam a explicar no que se transformou Brasília e, ela própria, a evidenciar diretrizes urbanísticas onde Niemeyer e Costa tangenciam-se e se afastam.

## 1. Cisão

A profícua carreira de Oscar Niemeyer sofre uma revisão intelectual a partir de Brasília. Como um ponto de inflexão, a experiência na construção da Nova Capital, ao lado do seu projeto para o *Museu de Caracas*, 1954, provoca no arquiteto uma visão crítica de suas obras, exigindo dele um *mea culpa* público seguido de novas formulações para essa etapa.

*As obras de Brasília marcam, juntamente com o projeto para o Museu de Caracas, uma nova etapa no meu trabalho profissional. Etapa que se caracteriza por uma procura constante de concisão e pureza, e de maior atenção para com os problemas fundamentais da arquitetura (NIEMEYER, 1958, pág.238).*

Essa reflexão contextualiza, fundamentalmente seu pensamento a respeito do profissional frente às condições do mercado. Deriva dessa relação, nem sempre bem sucedida, exageros e incoerências que, apesar de não comprometerem a qualidade plástica de seus edifícios, dificultam um referencial importante, a relação da obra com a sociedade. Atendendo ao mercado, seus edifícios deixam de ser elementos agregadores sociais para se tornarem símbolos privados.

*Essa atitude de descrença, que as contradições sociais ensejam com relação aos objetivos da profissão,*

*levou-me por vezes a descuidar de certos problemas e a adotar uma tendência excessiva para a originalidade, no que era incentivado pelos próprios interessados, desejosos de dar a seus prédios maior repercussão e realce. Isso prejudicou, em alguns casos, a simplicidade das construções e o sentido de lógica e economia que muitos reclamavam (NIEMEYER, 1958, pág.238).*

Aquilo que caracterizaria a obra de Niemeyer, a forma dos seus edifícios deveria, então verter à simplicidade para uma fácil leitura e compreensão da sociedade. Um caráter humano atribuído à construção como forma de aproximá-la de seu usuário. A funcionalidade, portanto estaria na própria forma, e esta, portanto ao exibir beleza e simplicidade plástica estaria cumprindo seu papel e sua função na sociedade.

*Estas (séries de providências e medidas disciplina-doras), no meu caso, se assinalam, primeiro, pela redução de trabalhos no escritório e pela recusa sistemática daqueles que visem apenas a interesses comerciais, a fim de melhor me dedicar aos restantes, dando-lhes assistência contínua e adequada; depois, estabelecendo para os novos projetos uma série de normas que buscam a simplificação da forma plástica e o seu equilíbrio com os problemas funcionais e construtivos (NIEMEYER, 1958, pág.239).*

Entretanto, Brasília não emerge na carreira de Niemeyer apenas como uma revisão do conceito de arquitetura. A responsabilidade pelo projeto dos principais edifícios administrativos da Nova Capital, bem como a coordenação arquitetônica e urbanística da construção da cidade, insere-o num debate até então pouco abordado por ele: o das questões urbanísticas. Essa relação traz algumas novidades, pois consolida uma contradição entre argumento e obra, entre tese e prática. E essas ressonâncias encontram-se, igualmente, nas mudanças provocadas sobre o projeto de Brasília quando da sua construção.

## 2. A Cidade de Lúcio Costa

Em março de 1957, Costa propunha a um júri internacional uma nova capital para o país.

Vencedor entre os 26 concorrentes, o projeto mostra-se menos radical que muitas das propostas apresentadas. Com soluções conciliadoras e flexíveis formula um plano de simples leitura e fácil assimilação.

Em poucas folhas datilografadas com duas dezenas de croquis resumia um ideal de cidade administrativa, cujo principal fundamento apoiava-se na relação *forma-função*. Para uma cidade capital, uma forma monumental e acolhedora que comportasse as funções cívicas e as relações cotidianas, cada qual no seu eixo.

Remetendo-se à história e à modernidade, simultaneamente, Costa vislumbra uma cidade dialética em que as diferenças e conflitos da cultura nacional são recorrentemente conduzidos ao diálogo.

Sua solução justifica-se pela tradição histórica colonial da posse da terra, remete-se às técnicas de circulação e saneamento para a implantação do traçado, privilegia as áreas verdes compondo uma cidade-jardim aberta e transforma o modo de morar, a partir da inovação na implantação dos seus blocos residenciais, em meio às super-quadras.

Responde aos problemas da cidade tradicional com racionalidade e hibridismo de referências.

Entretanto, a Brasília lá construída com o tempo sofreu das mesmas interferências que qualquer outra cidade viva. Seu projeto original foi modificado, as várias faces da especulação imobiliária comprometeram a concepção inicial, e a vaidade política constantemente traz novidades muitas vezes arbitrárias e descabidas para o Plano Piloto. A ausência da aplicação dos planejamentos local e regional previstos pela NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, criada em 1956 para conduzir o processo da construção de Brasília), permitiu o desenvolvimento pouco ordenado da cidade provocando um adensamento desproporcional e sem controle, para além das mudanças projetadas.

Como resposta, um trabalho de revisão do Plano Piloto foi encomendado, em 1987, ao próprio Lúcio Costa, onde o autor requer a preservação do seu projeto e estuda meios de promover a expan-

são organizada a fim de absorver a demanda de moradias populares.

Por fim, numa visita ao centro da cidade, na Plataforma Rodoviária, Costa deslumbra-se com o movimento e apropriação da cidade pelo povo. Reconhece nela as peculiaridades nacionais e parece minimizar a importância das mudanças em seu plano, importando-se fundamentalmente com o caráter humano da cidade finalmente construída.

## 1957, uma *civitas*

Uma *idéia* para a Nova Capital. Esse foi o argumento do júri, encabeçado pelo inglês William Holford, para justificar a escolha do projeto de Costa para Brasília. E de fato, o que Costa apresenta é uma concepção baseada na elaboração de elementos mínimos para a ordenação da cidade.

Definida por dois eixos, o Monumental e o Rodoviário-Residencial, a cidade é delimitada pelo Lago Paranoá no seu quadrante leste e pelo viário no oeste. No cruzamento dos eixos, a Plataforma Rodoviária serve como o ponto de ligação entre a capital e suas cidades-satélites.

Sua implantação é baseada na leitura peculiar da topografia e evidencia a principal característica da cidade: sua função administrativa (e, nela, toda a simbologia da representatividade nacional).

O traçado dos dois eixos está claramente vinculado às curvas de nível. O eixo arqueado, paralelo às curvas, facilita a disposição dos edifícios residenciais e de serviços, distribui o tráfego da cidade e direciona as redes de saneamento no abastecimento de água e na coleta sanitária. O eixo linear, apesar de seccionar as curvas, não cria problemas de ordem topográfica, pois a disposição espaçada dos edifícios lá implantados relaciona-se de forma harmoniosa com a baixa declividade existente.

1. *Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da Cruz.*

2. *Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de*

*contê-lo no triângulo eqüilátero que define a área urbanizada (COSTA, 1957, pág.20).*

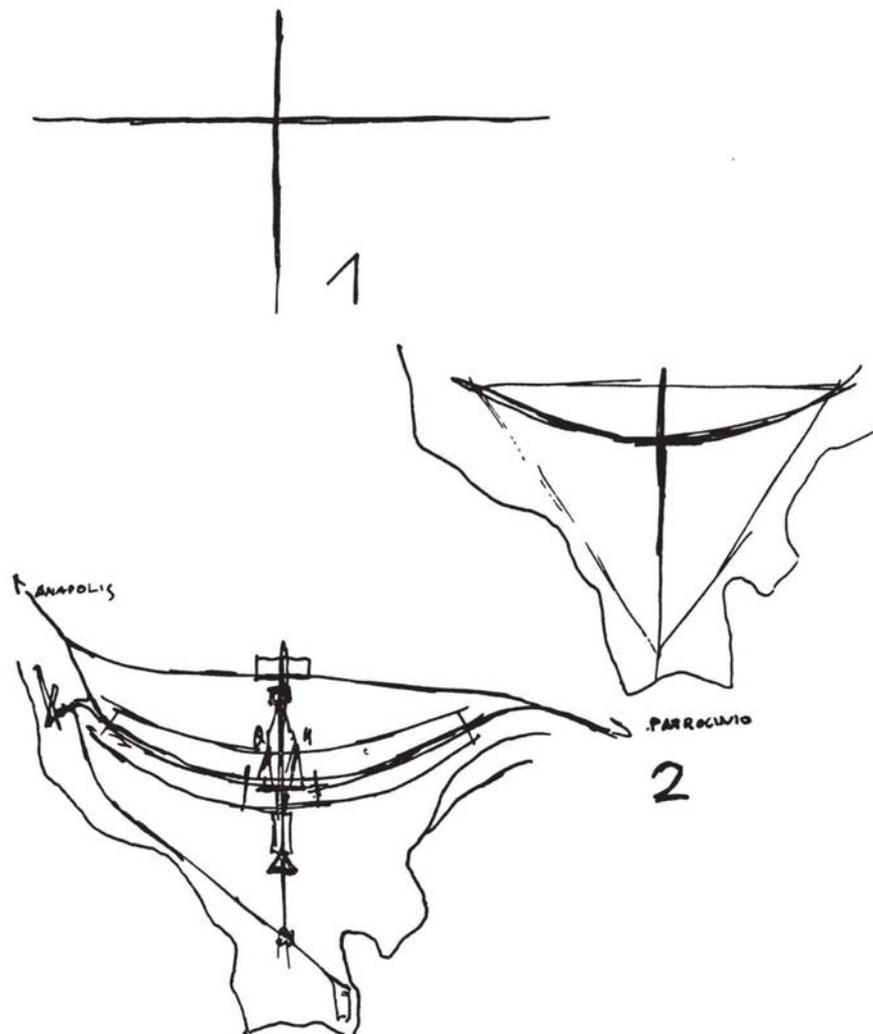
*remota antigüidade, a forma elementar apropriada para contê-los (COSTA, 1957, pág.22).*

A monumentalidade, requisitada para uma capital federal, é definida pela ordenação linear rígida ao longo do Eixo Monumental. Dispondo os edifícios administrativos ao longo desse eixo, Costa finaliza esse percurso com a Praça dos Três Poderes, símbolo político do país.

Separando as funções administrativas das cotidianas, através dos dois eixos, Costa define o partido predominante sem perder a coesão do conjunto urbanístico. Atribui ao viário o papel articulador dos setores. Inova na composição das áreas residenciais através de super-quadras e blocos elevados, atendidos por comércio e serviços. Mergulha a cidade num extenso tapete verde privilegiando a relação dos moradores com a vegetação e devolve o chão ao pedestre como forma democrática do uso da cidade.

*7. (...) Destacam-se, no conjunto, os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontram no triângulo eqüilátero, vinculado à arquitetura da mais*

**Figura 1:** Traço inicial para Brasília, 1957. Fonte: Brasília, cidade que inventei.



## 1987, preservação e adensamento

O documento encomendado pelo Governo do Distrito Federal a Lúcio Costa teve por objetivo rever as transformações de Brasília decorrentes de sua implantação e do seu crescimento desordenado.

Costa, em seu *Brasília Revisitada 1985/87*, aponta algumas diretrizes que demonstram, de um lado, a preocupação em preservar as principais soluções propostas, porém sem estabelecer parâmetros rígidos para seu crescimento. Adotando soluções flexíveis, incorpora as mudanças e transformações através de soluções conciliadoras, a fim de garantir a permanência da população de baixa renda junto, ou próxima, ao Plano Piloto.

Reivindica ao Memorial do Plano Piloto, entregue no Concurso em 1957, o *status* de projeto urbano:

*Assim, o plano-piloto (como de resto as outras propostas apresentadas) foi, na realidade, uma concepção já traduzida em termos de projeto urbano, e não apenas uma definição preliminar de partido e diretrizes gerais relativas a uso e ocupação do solo, e isto porque o objetivo era a transferência da capital – e não a elaboração do projeto – em 3 anos (COSTA, 1987, pág.2).*

E segue com a descrição das suas principais características: a interação das escalas urbanas (a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica); a estrutura viária integradora; o modelo residencial inovador; a orla do lago ampla e desobstruída; a importância do paisagismo densamente arborizado; a presença do céu revelado pela volumetria do projeto; e o não alastramento suburbano através da criação de cidades satélites e núcleos rurais intercalados.

Na revisão, Costa propõe duas diretrizes fundamentais:

1. a complementação e preservação da proposta original: através da preservação do conjunto arquitetônico da Praça dos Três Poderes e da sua relação com o Eixo Monumental; da preservação dos gabaritos vigentes dos dois eixos e da estrutura das superquadras; da flexibilidade dos usos dos setores centrais; da garantia de acessos do plano original além da manutenção dos espaços públicos;

2. modelos de adensamento e expansão urbana do plano piloto: através de desenvolvimento linear a partir de Quadras Econômicas ao longo das vias que ligam o Plano Piloto às cidades satélites; preenchimentos de seis áreas diretamente vinculadas ao Plano Piloto com pequenas quadras com gabaritos de três a quatro pavimentos sobre pilotis; crítica à política habitacional do BNH e defesa dos padrões de pré-moldados desenvolvidos por João Filgueiras Lima.

Claramente, a postura adotada sobre os problemas reflete o cuidado em não alterar a lógica da migração, porém tomando o cuidado em direcioná-la para não afetar os conceitos plásticos originais do Plano Piloto. Não se observa, portanto, contrariedade ao fato das ocupações excedentes à densidade prevista, mas sua assimilação como característica intrínseca à vida urbana. Acolher aos novos moradores, porém de forma controlada para que os serviços pré-existent não falem aos mesmos. O cunho social, a preocupação em locar a camada mais pobre junto, ou próxima, ao plano piloto sem alterar as fórmulas já empregadas por eles próprios, estão refletidos na proposta de Costa, mesmo diante da preocupação com a preservação da concepção original do plano.

*(...) A Brasília não interessa ser grande metrópole.*

*Como nossa estrutura econômico-social induz à migração de populações carentes para os grandes centros urbanos, é essencial pensar-se desde já no desenvolvimento, em áreas próximas à capital de núcleos industriais capazes de absorver, na medida do possível, essas migrações com efetiva oferta de trabalho. Brasília não é, no caso, uma miragem. Cidade fundamentalmente político-administrativa e de prestação de serviços, a demanda de mão de obra, sobretudo não qualificada, é necessariamente menor embora a proximidade do poder central cria a ilusão de facilidades que, de fato, não existem (COSTA, 1987, pág.17).*

## Ideal e realidade

No mesmo ano, Costa retornaria a escrever sobre a Brasília construída. Em uma avaliação menos formal e mais humana, sobressai um tom pessoal de satisfação em retornar à obra e vê-la funcionando

independentemente, entretanto diferente e, satisfatoriamente, melhor que o projetado.

Referindo-se à movimentação da população na Plataforma Rodoviária, Costa revê que o ideal proposto, requintado e cosmopolita, fora tomado pelo jeito informal da população que a utiliza. De forma mais original e descontraída a realidade superava então a proposta original do autor.

1. Oscar Niemeyer ocupou o cargo de Diretor do Departamento de Arquitetura da NOVACAP, sendo o responsável pela implantação arquitetônica e urbanística do Plano Piloto.

*Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta deles foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. Só o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado (COSTA, 1987<sup>2</sup>, texto de introdução).*

Desses trinta anos de Brasília, Costa se mostra menos crítico e mais satisfeito. A possibilidade em ter no Planalto Central sua concepção realizada parece amenizar sua crítica sobre as distorções que redundaram da sua construção e de intervenções ainda menos criteriosas.

Não condena as mudanças propostas pelo júri nem aquelas decorrentes da construção, parecendo aceitá-las como processo legitimador da concepção inicial. Pode-se vislumbrar certa compreensão nessas mudanças como algo necessário para a sua concretização.

*Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser. Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído (COSTA, 1987<sup>2</sup>, pág. 1).*

Essa satisfação diante do concreto domina sua opinião e contribui no seu posicionamento diante das surpresas lá encontradas. Como se diante da concepção teórica da cidade as alterações empreendidas amenizassem o artificialismo de uma cidade inteiramente nova e lhe garantissem uma alma verdadeira. Algo como um ajuste de detalhes para que o ideal coubesse no real.

### 3. A Cidade de Oscar Niemeyer

Niemeyer foi, fundamentalmente, o principal arquiteto de Brasília. Deu plasticidade aos edifícios, transformou o racionalismo arquitetônico *bauhausiano* com as “curvas barrocas” e construiu uma imagem da modernidade eminentemente nacionalista pretendida pelo presidente Juscelino Kubitschek.

Entretanto, sua presença na direção da NOVACAP<sup>1</sup> proporcionou uma complementação nesse processo, ao conferir ao arquiteto oportunidade de interferir direta ou indiretamente na concepção da Nova Capital. Apesar da negativa em planejar a cidade, ocupando-se apenas dos principais edifícios administrativos, Niemeyer foi fecundo ao traduzir para o contexto da obra algumas das principais características que deveriam permanecer como símbolo urbano de Brasília.

Os resultados dessa experiência não cessam na inflexão dos seus projetos arquitetônicos, como atestou em depoimento, mas avançam para experiências urbanísticas dentro e fora das obras de Brasília. Consequentemente, algumas conceituações sobre o ideal de cidade e uma contraditória experiência no Planalto Central para uma cidade colonizadora agrícola, evidenciam sua prática urbana.

O que se observa nesse período é uma aproximação ao tema através do lançamento de bases conceituais do seu desejo de cidade contemporânea que, contraditoriamente, ocultou contrastes tardios de um arquiteto na seara do planejamento urbano. Sua experiência na coordenação das obras em Brasília e seu plano urbano para a cidade *Marina* demonstram uma clara opção pela arquitetura ao urbanismo.

#### Concepção urbana

Meses após o início das obras de Brasília, canteiro em que Oscar Niemeyer debruçou-se inteiramente ao longo dos três anos de construções intensivas, o arquiteto formulou um breve depoimento sobre a concepção da cidade contemporânea, em 1958.

São poucos seus relatos a respeito do conceito urbano. Geralmente genéricos, com discursos di-

reacionados a uma arquitetura criativa, despojada e, esta sim, edificadora da cidade. Neste momento, Niemeyer foca a cidade como uma obra acabada. Não se trata da arquitetura ou das formas abstratas que compunham o cenário urbano, mas da cidade como conjunto de fatos sociais e ordenamento espacial.

Talvez condizente com sua experiência nas obras da Nova Capital, e crente na possibilidade de um planejamento ordenador, eficiente e humano de um objeto idealizado e construído inteiramente, seu discurso parece debater-se com os modelos urbanos tradicionais, que sem direcionamento aparente estabeleciam padrões alheios às necessidades coletivas.

*Somente o homem permanece o mesmo, sofrendo as mesmas contradições e injustiças de séculos atrás. Enquanto para alguns a arquitetura e o urbanismo constituem elementos de alegria e conforto, para outros – a grande maioria -, se apresentam ainda como qualquer coisa distante, como um bem inatingível para o qual entretanto contribuem, duramente, com o melhor de seu esforço (NIEMEYER, 1958<sup>2</sup>, pág.210).*

Dessa forma, algumas insinuações de seu depoimento parecem evidenciar a necessidade em articular o planejamento urbano à transformação social. Não isoladamente, mas integrados no conjunto, harmonizados.

Idéia cara a essa geração, o arquiteto relaciona o urbanismo idealizado a uma porção franca de ideologia política. Atribui à ação planejadora (urbana, social, econômica, etc.) a condição de protagonista de uma sociedade justa.

*(...) Não basta que os planos urbanísticos exprimam esse sentimento de solidariedade para o qual apelamos e que deve caracterizar o espírito de nossa época. É preciso, também, que esses planos se destinem a uma sociedade organizada em bases idênticas e que, com eles se harmonizando, possa torná-los uma realidade (NIEMEYER, 1958<sup>2</sup>, pág.211).*

Esses pensamentos trazem ao debate um perfil idealizado do projeto urbano como instrumento

de transformação social. Implica, ainda na perspectiva de uma nova sociedade, uma nova política e uma nova organização espacial.

Curioso notar uma singela alteração nas funções. Enquanto o urbanismo racionalista pregado pela *Carta de Atenas* remontava a posturas ordenadoras, mantendo a tradição sanitária em garantir a salubridade e o conforto através das leis e normas afins, a idealização de Niemeyer volta-se para uma generalidade coletiva. Não são definidas regras ou diretrizes, busca-se um resultado final harmonioso entre sociedade e espaço construído. A conotação social, o caráter transformador e o posicionamento político, ainda que não explícitos, permeiam suas pretensões.

## Prática pioneira

Entretanto, um projeto pioneiro destoa da construção ideológica de cidade ideal divulgada pelo arquiteto a partir de sua participação nas obras de Brasília.

Suas experiências urbanísticas até então haviam sido decorrentes de suas obras arquitetônicas de grande escala, como o conjunto da Pampulha (Belo Horizonte, 1940) ou do Parque do Ibirapuera (São Paulo, 1951). Com maior intensidade, porém as obras de Brasília inserem-no em trabalhos de maior escala e abrangência extrapolando seus projetos anteriores<sup>2</sup>.

O pioneirismo deu-se em 1956 com o projeto da cidade *Marina*, na Colônia Agropecuária do Menino, no Vale do Rio Urucuia, Minas Gerais, próximo às obras da Nova Capital.

A cidade Marina foi um empreendimento, como tantos outros, que surgiu paralelo à criação da Nova Capital. A transferência da capital do litoral para o interior do país mobilizou esforços e, fundamentalmente, investimentos sobre o Planalto Central. Esses investimentos concentrados na cidade administrativa, na qualificação das cidades satélites e na rede viária como forma de transformar a região acessível por todo o país, provocou a valorização em cascata das propriedades ao redor. Apesar das desapropriações do sítio escolhido para a implantação do Distrito Federal (para a construção do Pla-

2. Curiosamente, a partir da década de 60, seu escritório começa a se dedicar a projetos urbanísticos, especificamente: Plano da cidade de Neguev (Israel, 1964), Plano para o Conjunto Urbanístico de Pena Furada (Portugal, 1965), Plano para o Conjunto Urbanístico em Grasse (França, 1967), Plano para a Urbanização do Guarujá (São Paulo, 1967) e a Urbanização de Argel (1968). Após esse período outros projetos despontam de seu escritório somando cerca de quase duas dezenas deles, excetuando os projetos de quadras, superquadras, centros cívicos, etc.

no Piloto e da composição das demais cidades e elementos naturais) as áreas ao seu redor foram rapidamente valorizadas.

Uma das formas de capitalizar essa valorização foi o investimento de muitos proprietários na urbanização de seus pastos e cerrados, substituindo atividades agropecuárias pela criação de núcleos urbanos, grandes bairros ou cidades inteiras. Com apoio de empresas especializadas, os proprietários redefiniram novas formas de urbanização do território.

Oscar Niemeyer teve participação nesse processo. Autor do plano urbano da cidade Marina, esteve acompanhado por Paulo Peltier de Queiroz (engenheiro), R. Burlle Marx (paisagista) e Luigi Gallioli (irrigação).

A proposta da cidade buscava não só aproveitar a valorização das terras ao redor da capital federal para a implantação de um novo centro urbano, como se articulava com um promissor mercado de consumo de produtos agrícolas, decorrente da extensa migração, já em andamento que se destinava ao trabalho e à moradia em Brasília e nas suas cidades satélites.

Ou seja, com o adensamento decorrente da Nova Capital, haveria demanda para novas moradias (portanto novos lotes e novas construções) e para uma nova forma de cultivo agrícola, não mais apoiado em grandes glebas, mas em cidades que ao invés de se especializarem na produção industrial, iriam produzir alimentos para a demanda demográfica crescente no Planalto Central.

A divulgação do projeto de Niemeyer, empreendido pela *Companhia Agrícola e Urbanizadora S.A.*, dá-se de forma efusiva e contundente através de páginas de propaganda na revista *Módulo*, n. 18, em edição especial sobre Brasília, e na revista *Manchete*, na edição comemorativa da inauguração da Nova Capital, em 21 de abril de 1960.

As propagandas buscam transparecer a idéia de tranquilidade e segurança no empreendimento e explora a possibilidade da atividade agrícola:

*No país maravilhoso das três colheitas por ano ergue-se no polígono de Brasília a cidade de Marina, na Colônia Agropecuária do Menino.*

*Sua fazenda na Colônia Agropecuária do Menino faz parte de um gigantesco "cinturão verde" de milhares de outras fazendas de solo rico, aguadas permanentes e irrigação cientificamente planejada! Um "cinturão verde" ligado por rodovias, ferrovias e via aérea, aos grandes centros de consumo do país: Brasília, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro (MANCHETE, 1960).*

E evidencia o lucro da aquisição da propriedade:

*Um sonho verde no Planalto Central brasileiro. Milhares de fazendas e chácaras para você adquirir com toda a segurança. Um patrimônio seu e de sua família por toda a vida (MANCHETE, 1960).*

A propaganda situa o empreendimento no seu contexto geográfico, apontando, em mapa esquemático, a proximidade de Brasília (160 km) e a relação com as principais capitais. Retoma o mito da *marcha para o oeste* com a conotação do pioneirismo e a possibilidade de lucro nos negócios:

*A marcha para o oeste, vitoriosamente iniciada há trinta anos, está levando o progresso do litoral para o interior brasileiro. Marco desta arrancada para o "hinterland" é Marina, onde a mão do homem se alia à natureza, construindo um paraíso de conforto e criando as possibilidades do homem se realizar vitoriosamente, fazendo fortuna com a terra (MANCHETE, 1960).*

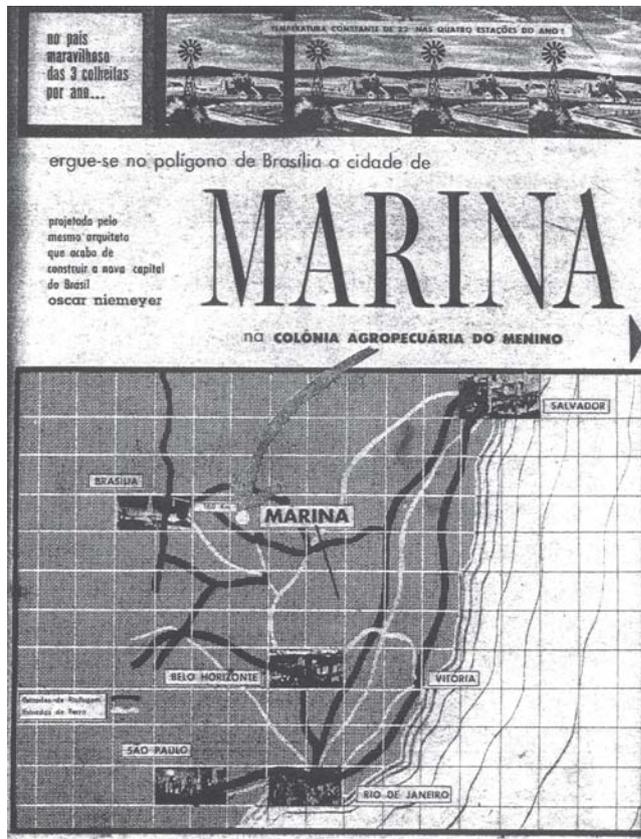
Quanto à autoria, as páginas enfatizam a participação de Niemeyer como o projetista da cidade, sendo também o responsável pelas obras da Nova Capital:

*Projetada pelo mesmo arquiteto que acaba de construir a nova capital do Brasil.*

*Uma realização que honra a técnica do urbanismo e a arquitetura de vanguarda do Brasil (MANCHETE, 1960).*

Enfatiza a equipe através do currículo internacional de alguns de seus componentes e encerra a propaganda com desenho e foto da maquete e com os contatos para a venda na Venezuela, América Central, Estados Unidos, França, União Soviética, Holanda, Alemanha e no Brasil.





**Figuras 3 e 4:** Imagens da propaganda da cidade Marina com detalhe do desenho do projeto, 1960. Fonte: revista Manchete.

elaboração do edital, da elaboração das propostas pelos concorrentes, do julgamento e das obras redesenharam a Nova Capital. Dessa forma, compreende-se que o projeto concretizado de Brasília não é decorrente de um único gesto criador (como o foi o plano, de autoria de Lúcio Costa), mas resultado do acúmulo de décadas de discussões, definições e, em alguns casos, até mesmo de imposições. Se o projeto de Costa definia uma cidade coesa e proposta como um objeto único, sem

interferências, a cidade construída, há que se lembrar, destoa do projeto proposto. E as modificações têm origens diversas, entretanto todas concentradas na instituição da NOVACAP, órgão responsável pela sua construção, e na pessoa de Niemeyer, responsável pelo setor de arquitetura e urbanismo da Companhia.

Os debates técnicos das Comissões Federais, as discussões políticas bem como as iniciativas públi-

3. O lago foi uma proposta sugerida pelo projeto de 1955, elaborado como forma de estudo de um plano para a capital em meio ao Planalto Central. Seus autores, Roberto Lacombe, José de Oliveira e Reis Raul Pena Firme incorporaram a proposta de represamento que havia sido aventada em meados do século XIX. A população, de 500.000 habitantes, foi instituída pelo decreto 671-A, de 1949.

cas e privadas em transferir a capital federal para o Planalto Central legaram várias decisões e soluções que foram incorporadas durante a fase do Concurso. Exceto alterações após a conclusão das obras, ocorridas no final da década de 1960 e início de 1970, decorrentes de ajustes mais políticos e menos técnicos, a concepção idealizada por Costa transformou-se numa cidade concreta a partir das alterações ocorridas entre 1957 e 1960.

## Ressonâncias sobre Brasília

Nesse percurso, Oscar Niemeyer interferiu, diretamente, em pelo menos três momentos distintos.

O primeiro quando da elaboração do edital. Oscar Niemeyer, solicitado a rever alguns pontos do documento e para apresentar complementações a ele decorrentes das críticas do IAB, o arquiteto reúne no edital a totalidade das decisões políticas sobre a Nova Capital que vinham ocorrendo há décadas desde os primeiros estudos sobre o sítio. Com isso, apesar de não propor nada autenticamente seu, Niemeyer agrega soluções e formulações urbanisticamente estruturais que conduziram todos os demais projetos propostos definitivamente.

Elaborado em 1956, - por Israel Pinheiro, Ernesto Silva, Oscar Niemeyer, Raul Pena Firme e Roberto Lacombe - o edital caracterizou-se pela apresentação simplificada, exigüidade de informações técnicas, bem como pela quase ausência de especificações e exigências para a apresentação do projeto, fatos que geraram desconforto nas entidades envolvidas, fundamentalmente entre a NOVACAP - responsável pelo edital - e o IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) - entidade parceira na elaboração do Concurso. Desse conflito resultou a demissão de Oscar Niemeyer de sua função de vice-presidente do IAB, como forma de lhe garantir maior autonomia nas decisões dentro da NOVACAP.

Quando questionados por Ary Garcia Roza, presidente do IAB, os integrantes da Comissão optaram por complementar o edital. Em circular assinada por Oscar Niemeyer estavam presentes algumas decisões pré-estabelecidas para a Nova Capital, como a construção de um lago na cota 997 do sítio, a definição da população máxima de 500.000

habitantes, a implantação do hotel, do palácio presidencial e do aeroporto, ambos com construções antecipadas ao próprio plano<sup>3</sup>.

Dessa forma, algumas das características marcantes do conjunto urbano da capital, como a composição de uma represa e a definição do adensamento demográfico foram propostas na circular assinada pelo arquiteto.

O segundo momento de interferência direta de Oscar Niemeyer sobre as concepções deu-se num depoimento durante a ocorrência do Concurso. Em matéria na revista *Módulo*, o arquiteto expõe sua opinião sobre as características que deveriam ser empregadas na Nova Capital. Gozando do posicionamento de Diretor da NOVACAP - promotora do Concurso - e de futuro júri dos projetos concorrentes, Oscar Niemeyer é enfático e claro na sua colocação quanto aos principais aspectos da futura capital:

*Disciplinar e traçar setores da nova cidade dentro das funções - trabalho, descanso, diversões e cultura - de que o urbanismo moderno tanto cogita. Para isso os arquitetos contarão com um local privilegiado pelas condições de clima, topografia, situação geográfica, etc. o que por certo lhes permitirá soluções mais vantajosas e interessantes. (...) Trata-se de uma cidade de caráter essencialmente administrativo, em que certos setores como a indústria e a agricultura terão papel relativo. Sua população, por exemplo, não deveria ultrapassar um limite pré-determinado, a fim de manter as características primordiais de uma cidade dessa natureza (NIEMEYER, 1956, pags.304/5).*

A conotação funcionalista e o embasamento sobre os conceitos da *Carta de Atenas* são evidentes. Para o arquiteto, a cidade deveria estruturar-se nas suas principais funções administrativas. Em se tratando de uma capital, atividades de outro caráter produtivo, como a industrial ou a agrícola, têm um papel secundário. Embasado na tentativa de disciplinar os setores, portanto apoiando-se na idéia de um zoneamento que não reproduzisse os modelos ineficazes das cidades tradicionais, certamente atribuiria à capital um caráter racional e adequado à vida moderna. Por fim, o controle sobre o cresci-

mento populacional manteria o projeto idealizado como um objeto bem acabado, possivelmente rigidamente zelado por legislações afins.

A crença no projeto como elemento disciplinador e transformador social aparece de forma tímida, porém incisiva quanto à sua pertinência para o projeto de Brasília, meses antes da finalização do Concurso. Monofuncionalidade, setorizações e eficiência programática implantadas sobre um sítio plano e sem interferências naturais resumem a idéia urbana para Brasília de seu principal arquiteto.

O terceiro momento de interferência de Niemeyer sobre o plano de Brasília dá-se, definitivamente, sobre a proposta de Lúcio Costa. Cerca de dois meses após o Concurso do plano piloto são publicados os pareceres do júri, dentre os quais as impressões de Oscar Niemeyer. Justificando as condições em que foi elaborado o Concurso, seu adiamento e a escassez de dados fornecidos, Niemeyer esclarece que o objetivo está em achar a melhor idéia para uma cidade administrativa:

*O edital do Concurso para o Plano Piloto de Brasília, elaborado de forma ampla e honesta, exigia o mínimo sem impedir o máximo, dando a todos, sem discriminação de ordem econômica ou de eventual organização profissional, uma possibilidade de participação. Desejava-se, principalmente, encontrar uma idéia urbanística justa, que correspondesse às características especiais do problema em causa (MÓDULO, 1957).*

E através desse argumento o arquiteto evidencia a necessidade de um plano conciso e simples que denotasse o principal caráter de uma cidade capital, características encontradas nas soluções da proposta de Lúcio Costa:

*No caso de Brasília, a idéia deveria decorrer do próprio objetivo do concurso: o projeto da Capital do País. Não se tratava, portanto, de projetar uma cidade qualquer, mas, aproveitando as conquistas do urbanismo contemporâneo, de encontrar uma solução que se harmonizasse com o local e o programa do concurso, e expressasse a atmosfera de cultura, civilização e monumentalidade que uma cidade dessa natureza requer.*

*O Plano Piloto apresentado pelo arquiteto Lúcio Costa, orientou-se nesse sentido, e sua maior preocupação foi descobrir - acima das fórmulas disseminadas pelas revistas técnicas - a solução adequada, aquela que melhor pudesse atender as necessidades sociais, econômicas e espirituais da vida brasileira.*

*Seu plano é tão simples, lógico e preciso, que os trabalhos de desenvolvimento se processam praticamente sem modificações. Verifique-se a justeza da solução: a harmoniosa adaptação ao local, o zoneamento lúcido e racional de todos os setores, a simplicidade extraordinária do traçado, rigorosamente classificadas as circulações de veículos e pedestres. Verifique-se o sistema adotado para as quadras de habitação, para o comércio local e demais complementos das áreas de vizinhança, evitando discriminações sociais e estabelecendo um sistema de vida condigno. Verifique-se tudo, para honestamente concluir, com Sir William Holford, que se trata "de uma das maiores contribuições ao urbanismo do século XX" (MÓDULO, 1957).*

Apesar dos elogios públicos e justificativos da escolha, Niemeyer empreendeu alterações no projeto original, como o deslocamento do conjunto urbanístico para leste (atendendo à sugestão do jurado William Holford), e a inclusão de outras tipologias de moradias em novas faixas de superquadras.

As mudanças refletem a posição do responsável pela construção da capital em adotar as críticas do júri e adequar a cidade à uma nova interpretação, mais centrada no técnico e, portanto comprometida com sua efetivação num curto período político. A cidade deveria estar construída antes do término da gestão de Juscelino e para tal finalidade Oscar Niemeyer foi pragmático. Maria Elisa Costa, questionada sobre a ausência de Lúcio Costa nas obras de Brasília, esclarece:

*O desenvolvimento do plano foi feito aqui (Rio de Janeiro) e o Oscar mudou-se para lá (canteiro de obras de Brasília). (...) Ele (Lúcio Costa) sabia que lá teria que ter um arquiteto... Ele não iria por temperamento. Mas, lá você tinha que ter um cara dono do pedaço, pra não ficar discutindo coisinhas. (...) Segundo recomendações do Juscelino: "coisas de*

arquitetura é com o Oscar (Niemeyer), coisas de urbanismo é com o Lúcio (Costa) e coisas práticas (do gerenciamento da obra) é com o Israel (Pinheiro)!”

Sobre as mudanças empreendidas sobre o plano original durante esse período:

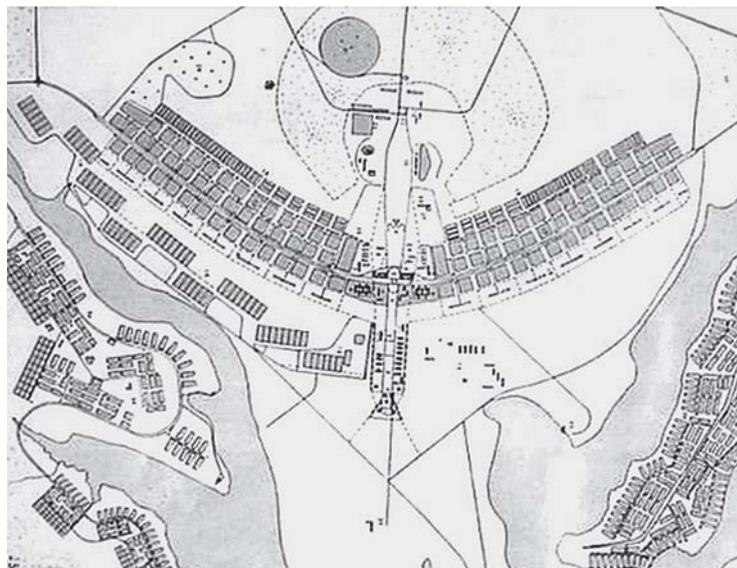
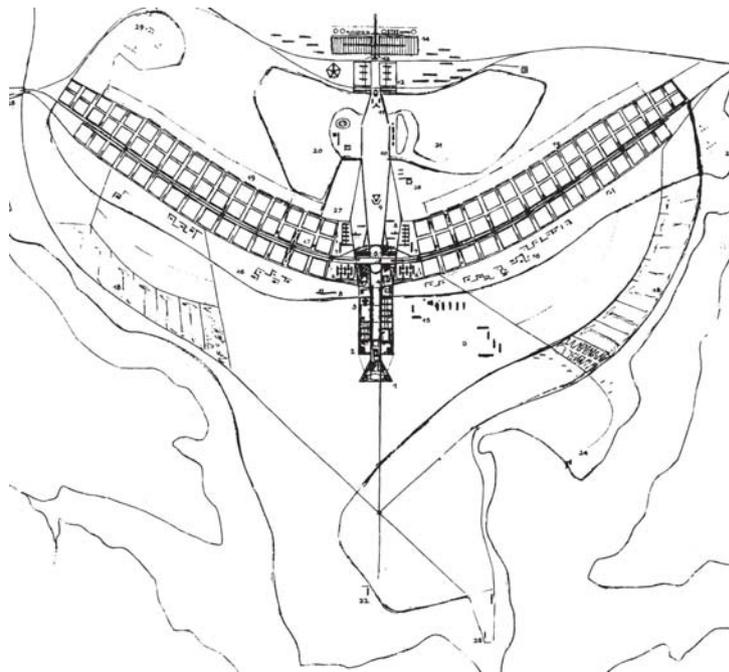
(...) As duas asas (o eixo residencial) teriam uma topografia parecida. Mas o (William) Holford, quem escolheu o projeto, revela com muita clareza que

uma das mudanças que propõe era alterar a distância grande demais entre a orla do Lago (e a cidade) (...). A cidade toda desceu. Então ficou mais curva.

E sobre as quadras 400, de habitações de menor preço:

As 400 são quadras duplas com blocos de três andares sem elevador. (...)

**Figuras 6 e 7:** Brasília projetada (1957) e Brasília construída (1960). Fontes: Brasília, cidade que inventei, Mapa de Brasília, GDF.



4. Entrevista Concedida por Maria Elisa Costa a Jeferson Cristiano Tavares, Juliana Costa Mota e Sálua Kairuz Manoel, Rio de Janeiro, julho de 2000.

*Não (não constavam no plano original). No plano original não tem. É uma nova ordem de quadra. Foi implantada na primeiríssima fase, antes da inauguração. Foi o seu desenvolvimento (do plano).<sup>4</sup>*

Diretamente envolvido com a obra, Niemeyer concentrou em sua pessoa as mudanças necessárias comandando o processo em diálogo com sua equipe de campo, porém sem a interferência direta do autor da proposta. Costa acompanhou esse processo, pouco interferiu e, como exposto acima, diante da obra finalizada minimizou as mudanças empreendidas.

### Urbanismo pela Arquitetura, ou Vice-Versa

O Plano Piloto construído pela NOVACAP não corresponde fielmente ao Plano Piloto projetado por Lúcio Costa. Apesar das alterações, Costa sempre elogiou a peculiar arquitetura estabelecida por Niemeyer e nunca expôs críticas às mudanças urbanísticas, apesar de reconhecê-las publicamente.

O desenho da cidade, entretanto alterado nesse período, seguiu rigorosamente alguns objetivos claros ao atender aos comentários do júri, ao adaptar-se para uma nova densidade habitacional e alterar alguns zoneamentos.

*(...) a Companhia Urbanizadora encaminhou o processo, tomando algumas decisões projetuais. Deslocou o conjunto urbano projetado para leste, na direção do eixo monumental e ampliou as áreas residenciais. Acrescentou para isto, mais uma seqüência de quadras a leste do eixo Rodoviário deslocando o setor das embaixadas.*

*Além destas acrescentou, uma faixa de grandes áreas, para colégios, igrejas, instituições de caridade, religiosas, culturais e de pesquisa à qual, posteriormente incluíram-se órgãos governamentais. A oeste do eixo, criou uma nova faixa de casas geminadas além de um novo setor de grandes áreas. Os setores de residências individuais a norte e sul foram ampliados e transferidos para as penínsulas e a outra margem do lago.*

*Por outro lado, acrescentou também, um setor, antes inexistente, de mansões, com terrenos de*

*20.000m<sup>2</sup> em toda a encosta na margem direita do córrego Vicente Pires, ao sul da cidade, dentro portanto, da bacia do lago. Ultrapassou assim, o limite de 500.000 habitantes que ela mesma havia estabelecido.*

Fez também construir uma rodovia sobre o divisor de águas, como proteção da bacia do lago.

*A Asa Norte teve seu projeto modificado acrescentando áreas comerciais na W3 e modificando a forma e a implantação do comércio local nas quadras (CARPINTERO, 1998, pags. 156/8).*

Algumas conseqüências são notadas facilmente, como o prolongamento do Eixo Monumental, aumentando as distâncias entre a Plataforma Rodoviária e a Praça dos Três Poderes; o deslocamento da Torre de Comunicação, cuja implantação não corresponde ao ponto de maior elevação topográfica como sugeriu Costa; e o alargamento bem como a distorção do arqueamento das asas Norte e Sul.

Essas mudanças incidem, sobretudo na estrutura da cidade. A implantação, elemento fundamental que caracteriza o Plano, foi alterada causando conseqüências nos demais elementos urbanos. Enquanto Costa, com linhas suaves respeitando as curvas de nível, definia uma implantação rigorosa plástica e tecnicamente, as alterações exigiram uma distorção no desenho urbano para que a questão topográfica fosse igualmente assimilada.

Alterações nos principais edifícios administrativos também redundaram em perda da qualidade urbanística por condicionar o planejamento à arquitetura. Dando unidade aos edifícios do Ministério, uma marquise projetada por Costa no seu plano original ligaria transversalmente todos eles, criando espaços de convívio nos vazios gramados e amenizando a insolação na passagem entre um e outro edifício. Entretanto a marquise foi abolida, comprometendo o potencial de convívio e passeio entre a Esplanada e os Ministérios<sup>5</sup>.

Outra alteração substancial e definitiva no desenho do Plano Piloto é decorrente da mudança do projeto dos edifícios do Congresso. Partindo do esboço de Costa, Niemeyer amplia a escala e o

5. CARPINTERO, Antonio Carlos Cabral. Brasília: Prática e Teoria Urbanística no Brasil, 1956-1998. Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP, São Paulo, p. 191, 1998.

tamanho dos edifícios exigindo, para tanto, o aumento da largura da Esplanada. Essa alteração afeta o distanciamento entre as empenas dos edifícios do Ministério transformando a escala significativamente (antes pensada para o pedestre) dificultando os acessos cotidianos. Subordina, portanto, as soluções do Eixo Monumental à nova dimensão dos edifícios do Congresso Nacional.

*A valorização da arquitetura fez perder um pouco a urbanidade desejada (CARPINTERO, 1998, pág. 188).*

Apesar de tantas mudanças para a adaptação do plano à obra, em ocasião posterior à inauguração da Nova Capital, Oscar Niemeyer retoma o assunto para demonstrar sua opinião quanto ao desenvolvimento da cidade:

*Brasília está ficando uma cidade como as outras, pois o plano-piloto de Lúcio Costa vem sendo totalmente desvirtuado.<sup>6</sup>*

Remetendo-se às mudanças arbitrárias e comprometedoras, o arquiteto posiciona-se contrário por não ver nelas um diálogo com o plano original (diferentemente daquilo que ele havia buscado durante a construção).

Transformações, desvirtuamentos, alterações, enfim, intervenções que se propagaram sobre um ideal urbano e que o transformou, dando-lhe novas características sob o olhar incansável da crítica.

## 5. Fusão

Brasília não é apenas um local onde as aspirações de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa se encontram. É também um depoimento concreto da visão urbanística de ambos, cada qual a seu modo. Eles, a sua maneira, souberam traduzir em ideais e obras suas premissas e ambições. Resultado desse conflito pacífico, a Nova Capital oferece ainda um último exemplo que pode explicar algo daquela inflexão de Niemeyer sobre a sua própria obra e, fundamentalmente a relação que se estabelece entre ambos, Costa e Niemeyer, no conjunto de Brasília. Diante de todas as contradições suscitadas pelas alterações do projeto original é possível identificar um ponto de tangência entre suas proposições.

Niemeyer atribuiu à sua experiência em Brasília (e ao projeto em Caracas) uma reflexão crítica que alteraria sua obra. O excesso de originalidade e a falta de tempo dedicado aos projetos, devido à sua inserção no mercado, prejudicaram a qualidade esperada. A análise, portanto requisitava a simplicidade das formas e a qualidade técnica da obra.

Mário Pedrosa, numa leitura contemporânea ao depoimento de Niemeyer, reconhece a importância social e profissional de Brasília na carreira do arquiteto e lhe confere a seguinte observação pública:

*Oscar toca aqui no que o grande historiador e esteta que foi Burckhardt chamou de “a peste de nossa época” – a originalidade pela originalidade, e que, ainda há pouco, outro crítico eminente, Camon Aznar, da Espanha, batendo na mesma tecla, acoimou de “originalidade estigma”, causa da pobreza espiritual de grande parte da arte de nossos dias.*

*Assim, iria caber a Niemeyer, o mais fecundo inventor de formas de nossa arquitetura, o inesgotável improvisador de soluções, o playboy endiabrado, reagir, primeiro que todos, contra o demônio da originalidade e a faceirice da improvisação.*

*Ora, a “peste da originalidade” e a presunçosa confiança do seu poder de improvisação foram, na verdade, os corolários, no plano do trabalho profissional, daquele decair de estima pela dignidade da própria função do arquiteto (PEDROSA, 1958, pág. 243).*

O excesso de originalidade, quase um retrato da vaidade pessoal, foi compreendido como prejudicial. Mas então o que esperar do arquiteto responsável pelas obras urbanísticas de Brasília e autor dos principais edifícios administrativos da capital federal?

A cumplicidade, em um elementar caso, foi a resposta assumida pelo arquiteto. Especificamente para o projeto do Congresso Nacional, a decisão de Niemeyer foi a de compartilhar com o colega, e autor do traço original do projeto, o partido inicial. Negando-se a constituir um novo projeto, Niemeyer propôs-se a mudanças a partir da concep-

6. Declaração de Oscar Niemeyer junto à Comissão do Distrito Federal na Câmara dos Deputados, 12 de julho de 1963.

ção de Costa. Assim, o arquiteto reformula o projeto do Congresso alterando a dimensão dos edifícios e sua composição plástica e funcional. Guarda uma inesperada proximidade com o partido original, porém transforma o ensejo urbanístico em caráter arquitetônico.

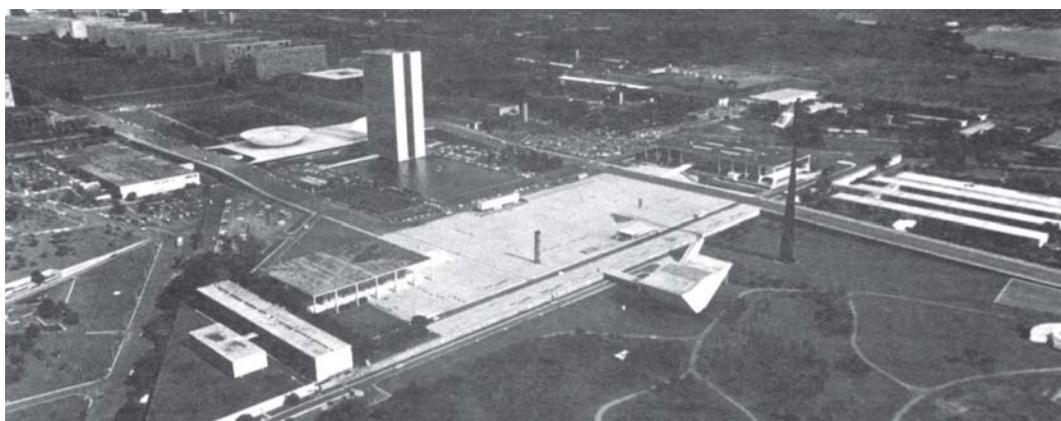
Se analisados conjuntamente, percebe-se que o resultado final proposto por Niemeyer adquire uma proximidade orgânica com o croqui original. Escala, jogo de volumes, verticalidade e horizontalidade, rigidez e flexibilidade. Os elementos essenciais permaneceram no projeto de Niemeyer como que atestando a proposta de Costa, entretanto evitando sua mera repetição.

Como uma fusão de traços, o desenho de Niemeyer parece brotar do croqui de Costa, complementando com maior leveza e simetria as cúpulas e o prédio do Congresso. Ao espelhar

o conjunto da proposta original, Niemeyer evita a simples reprodução das massas ao inverter uma das cúpulas atribuindo-lhe um aspecto inusitado. Assume o jogo de formas entre edifício e cúpula, entretanto transforma-o para corresponder à simetria, não puramente idêntica, mas sutil.

A alteração proposital parece transpor para as obras do arquiteto aquilo que ele próprio havia afirmado em seu depoimento: evitar o excesso de originalidade e manter um zelo pela simplicidade foram obtidos através da continuidade do projeto de Costa para o Congresso, e não da criação de um conjunto totalmente novo. Nessas condições, ao adotar o partido explicitado no Memorial, a ação de Niemeyer torna-se menos autoral, ou em suas palavras *original*, e mais simbiótica, ajuizando a confusão de autorias que Maria Elisa Costa empenha-se em desfazer.

**Figuras 8 e 9:** Projetos para o conjunto do Congresso Nacional: Lúcio Costa (1957) e Oscar Niemeyer (1960). Fonte: Brasília, cidade que inventei.



Entretanto, uma diferença ainda volta a animar a discussão: o caráter urbanístico da proposta de Costa em oposição ao arquitetônico de Niemeyer.

Para Costa, o projeto do Eixo Monumental é um passeio cíclico estabelecido entre a Torre de Comunicações e a Torre do conjunto do Congresso. Ao centro as praças e os edifícios do Eixo Monumental definem um trajeto de ida e volta. Esse percurso serve-se, portanto da sobriedade do Eixo Monumental que se transforma numa linha tensionada entre os dois marcos verticais, a Torre de Comunicações e a Torre do Congresso, numa referência à simetria plástica insinuada no conjunto urbano. Ou seja, quando compreendidas num corte longitudinal ao Eixo Monumental, as duas pontas verticais (Torre de Comunicações e Torre do Congresso) implantam-se amarrando os dois extremos alegóricos do centro administrativo. Portanto, o projeto de um único edifício para o Congresso (implantado num terrapleno artificial de cota superior à natural) relaciona-se diretamente com a Torre de Comunicações (implantada no ponto mais alto do sítio), ambas compondo uma simetria plástica e topográfica.

Para Niemeyer, o conjunto dos prédios do Congresso tem vida própria. Eles, por si só, se auto-

referenciam no espelhamento que lhes confere unidade e independência plástica. Não necessitam dialogar com nenhum outro elemento, e estão implantados no eixo perspéctico de forma apoteótica, soberana, como que ao final de um percurso. O conjunto de edifícios e cúpulas permite a idéia de unidade e coerência por si só. A implantação num eixo perspéctico e a sobriedade do entorno colaboram, mas não são fundamentais.

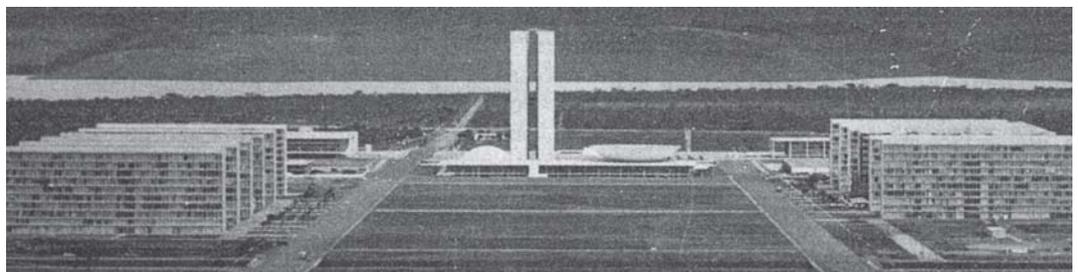
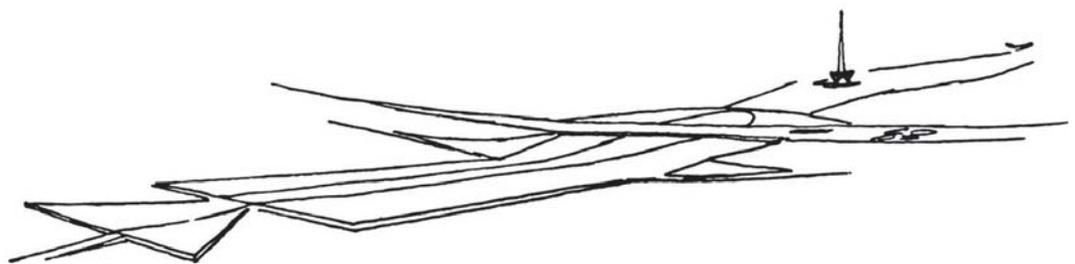
Para Costa o conjunto é urbanístico, necessariamente. Um percurso de mão dupla delimitado pelos marcos verticais. Portanto, um discurso construído ao longo do Eixo em que a arquitetura serve às características naturais do sítio e, em diálogo com o conjunto transforma-se num todo.

Para Niemeyer, a arquitetura é a apoteose. Ela própria se exhibe independente do trajeto, do discurso ou do entorno. Talvez uma referência da simplicidade buscada para lhe garantir fácil compreensão e entendimento. De tão simples, ela existe sozinha, independente.

Para Costa, a simetria está no conjunto urbano do Eixo Monumental. Para Niemeyer, está entre os próprios edifícios do Congresso.

**Figura 10:** Perspectiva do Eixo Monumental insinuando a simetria planialtimétrica entre a Torre de Comunicações e o vértice da Praça dos Três Poderes, onde seria implantada uma única torre para o Congresso. Nesse caso, o contexto é urbano e a simetria é explorada a partir da implantação do conjunto urbanístico, 1957. Fonte: Brasília, cidade que inventei.

**Figura 11:** Simetria entre os edifícios do Congresso. Apesar de sua inserção urbana no Eixo Monumental, a plasticidade do conjunto arquitetônico sobrepõe-se ao conjunto urbanístico. A simetria dos edifícios encerra, por si só, o efeito monumental, 1960. Fonte: Arquitetura Contemporânea no Brasil, Yves Bruand, 1968.



Se a concepção de cidade de ambos não verte para um mesmo ponto, se as alterações necessárias sobre o Plano Piloto mostraram-se inclinadas pela valorização da arquitetura em detrimento do planejamento urbano e se a relação de Niemeyer e Costa pode ser evidenciada, entre outros episódios, pela forma de intervir na Nova Capital, certamente, a contradição de concepções de ambos está evidenciada no episódio de Brasília. Ali se articulam proximidades e distanciamentos.

Nesse processo, um protagonismo imediato poderia ser atribuído a Niemeyer. Talvez de forma preliminar se levadas em consideração suas expressões plásticas predominantes no cenário do Planalto Central. De certo, tais expressões são fundamentais na constituição do símbolo nacional, porém não são arbitrárias nem, contudo propostas isoladamente ou individualmente. E antes do depoimento de Niemeyer justificar a cisão da sua postura projetual, ele legitima uma proximidade autoral com relação a Lúcio Costa.

Ainda que privilegiem a dimensão arquitetônica, suas soluções não somente dialogam com o contexto urbano como partiram dele. Respeitam o traço original e nascem dos croquis preliminares de Costa para, então constituir um novo jogo de volumetrias. Fundindo partidos e formas, provoca uma certa dubiedade autoral, cuja fusão requer um necessário esclarecimento de papéis nesse enredo.

Maria Elisa Costa não deixa dúvidas, ambos desenharam a cidade e, a nosso ver, essa cumplicidade legou um diálogo entre as (as)simetrias dos autores, condição que gera um permanente conflito autoral legitimador de um símbolo contraditório, e por isso mesmo incorporado ao imaginário nacional.

## Referências Bibliográficas

- ArPDF, CODEPLAN, DePHA. Brasília, cidade que inventei, Lúcio Costa, Brasília, 1991.
- BAYEUX, Glória Maria. O Debate da Arquitetura Moderna Brasileira nos Anos 50. Dissertação de Mestrado, FAU – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil, Editora Perspectiva, São Paulo, 1968.
- CARPINTERO, Antonio Carlos Cabral. Brasília: Prática e Teoria Urbanística no Brasil, 1956-1998. Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP, São Paulo, 1998.
- COSTA, L. Brasília Revisitada 1985/87 Complementação, Preservação, Adensamento e Expansão urbana. Brasília, GDF, 1987.
- COSTA, Lúcio. Memorial do Plano Piloto de Brasília (1957). In: ArPDF, CODEPLAN, DePHA. Brasília, cidade que inventei, Lúcio Costa, Brasília 1991.
- COSTA, L. Texto de Introdução (1987). ArPDF, CODEPLAN, DePHA. Brasília, cidade que inventei, Lúcio Costa, Brasília 1991.
- COSTA, Maria Elisa. Entrevista Concedida por Maria Elisa Costa a Jeferson Cristiano Tavares, Juliana Costa Mota e Sálua Kairuz Manoel, Rio de Janeiro, julho de 2000.
- MANCHETE, 21 de abril de 1960.
- MÓDULO, n. 5, dezembro de 1956.
- MÓDULO, n. 8, julho de 1957.
- NIEMEYER, O. Depoimento (1958). In: XAVIER, Alberto (org.): Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira [edição revista e ampliada]. São Paulo, Cosac & Naify, 2003. Edição original: 1987.
- NIEMEYER, O. Oscar Niemeyer fala sobre a Nova Capital do Brasil. Módulo, Rio de Janeiro, n. 5, dezembro de 1956. In: BAYEUX, Glória Maria. O Debate da Arquitetura Moderna Brasileira nos Anos 50. Dissertação de Mestrado, FAU – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- PEDROSA, M. O depoimento de Oscar Niemeyer (1958). In: XAVIER, Alberto (org.): Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira [edição revista e ampliada]. São Paulo, Cosac & Naify, 2003. Edição original: 1987.
- XAVIER, Alberto (org.): Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira [edição revista e ampliada]. São Paulo, Cosac & Naify, 2003. Edição original: 1987.

## Abstracts

### **Brasília: [as] simetrias entre lúcio costa e oscar niemeyer**

*Jeferson Tavares*

#### **Abstract**

In the celebrations of the 100 years of Oscar Niemeyer's birth and the 50th anniversary of Lúcio Costa's project for Brasília, we revisited the "Nova Capital" in order to understand the different ideals bestowed upon the city. The concept of Brasília and its construction put in confront different approaches in Urbanism. This contrast became crystal clear in the stances taken by Costa and Niemeyer. The first one, paying special attention to technic and plastic features, conceived an urban plan for an administrative city. The other, in charge with the proper building work of the capital changed the plan according to architectural propositions and incorporated some architectural solutions that came from the pragmatism present in the building process. As a meeting point, Brasília, materializes the symbiotic relationship of both creators, developed through conflicts and dialogues.

*Key Words:* Brasília, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer